

## DONA MARINA

Beatriz Maria de Figueiredo Ribeiro<sup>1</sup>

**Data de submissão:** 08.07.2020

**Data de aprovação:** 06.08.2020

O primeiro gesto.

Colocação Pimenteira, Seringal Boa Vista, Município de Xapuri, Estado do Acre. Endereço da Dona Marina até o ano de 1997. Triste história para quem a ouvia dizer que seria enterrada ao pé da castanheira que ficava a uns 50 metros na diagonal da janela de sua cozinha. Tudo aconteceu mais ou menos assim. A primeira ida à casa da Dona Marina foi no ano de 1993, no mês de julho. Cheguei com meu filho que ainda não havia completado quatro meses, mas que desde os dois já andava na tipóia, agarrado no peito, pelos seringais do Acre. Foi comigo o Amarildo, rapazinho de Xapuri, que me ajudou a carregar o quiba<sup>2</sup>, pois, naquele tempo, o caminho se fazia em 2 horas de pés. Porém, ainda inexperiente para andar nos caminhos da mata e com o menino no braço, gastamos umas três horas, talvez um pouco mais. Ao sair da mata e entrar no campo da Pimenteira, a imagem era de uma boniteza só; logo se via a castanheira apontando para o infinito azul do céu, ajudando a segurar o mundo, fincada no verde da grama que o pequeno rebanho ajudava a manter sempre aparadinha. Caminhando um pouco mais, chegávamos à sombra de uma castanhola que estava pelo lado de dentro do terreiro da casa. A cerca, tomada de um lado por um mandacaru, honrava a origem sertaneja da família; do outro, um buganvílie vermelho floria. Atravessamos o terreiro direto para onde o caminho apontava, e que não era para frente da casa: o caminho nos levava para a sua cozinha, um pouco recuada com relação à frente da casa, e destoando dela que era de madeira cerrada. A cozinha, feita de madeira roliça da paxiúba, ostentava as marcas do tempo da casa antiga. Do lado de dentro, a parede do fogão, também de paxiúba, era só o pretume da fumaça bem escondido pela tabatinga alvinha. A portinhola da entrada, com a parte de baixo fechada para barrar a subida dos bichos do terreiro, servia também para anunciar a entrada definitiva na sua cozinha. Só depois descobri que a cada semana essa portinhola teria uma tranca diferente por conta das traquinagens dos netos, mas também pelo uso ininterrupto das incessantes visitas que a Dona Marina recebia.

Chegamos. Paramos na frente da escada, antes da portinhola, e logo ela veio até nós:

– Subam! Foi a única palavra. O restante das acomodações quem encaminhou foi a sua nora Raimunda. Nem um olhar a mais, nem uma palavra. Julguei a Dona Marina como uma pessoa insensível, pois achei que ela, ao me ver debaixo do sol quente com um bebê no braço, deveria se preocupar comigo. No entanto, engano meu, foi exatamente o que aconteceu. Enquanto eu ajeitava o menino na rede da sala, ela, em sua cozinha, se mexia de lá para cá, sempre no seu ritmo, lento, para aqueles que a viam com um olhar de fora, mas cadenciado em sua própria natureza. De repente, lá vem ela na sala com um prato e um copo na mão e me diz:

– Farofa de ovo só é bom se for com café! E me estendeu os braços para que eu pegasse a oferta, abrindo um sorriso. Naquele momento entendi um pouco do extraordinário da vida, e meus olhos quiseram chorar porque meu coração pulou de alegria. Havia acabado de aprender a

---

<sup>1</sup> Geógrafa. Doutora em Geografia. E-mail: beatrizmfribeiro11@gmail.com

<sup>2</sup> Designação regional, usada entre os seringueiros, para mochila.

primeira lição com aquela senhora cujos passos não se ouviam, pois ela levitava em sua alteridade. Dona Marina me ensinou que a simplicidade, a delicadeza, e a sinceridade da vida, estão definitivamente nos gestos e muito menos nas palavras!

O segundo gesto.

Para mim não era muito fácil tudo aquilo. O filho, o trabalho, a mata, tudo era novo e intenso, não havia distinção de prioridades. O filho era o primeiro; a mata, nunca antes vista; e o trabalho, era o que me fazia estar ali. A Pimenteira não foi minha primeira experiência de mata, mas foi onde pela primeira vez estabelecemos uma relação de confiança. Lá consegui me sentir à vontade e sentir que as outras pessoas também estavam à vontade comigo. Somos mulheres, pensei, acima de qualquer diferença, somos mulheres! A rotina do meu trabalho era a rotina do trabalho da professora que morava na Colocação Viriato e, claro, a rotina da Dona Marina. Terezinha, a professora, era vizinha da Pimenteira a uns 40 minutos. Vinha todos os dias pelas tardes para dar aulas com suas três, às vezes, quatro filhas, que estudavam na escola com a mãe. Eu, imbuída da tarefa de assessoria às escolas dos seringais, esperava por ela na casa da Dona Marina, ajudando no que podia, o que era bem pouco, nos afazeres domésticos. O bebê que só mamava no peito consumia-me quase todo o tempo. Quando a professora Terezinha chegava, ia direto para a cozinha, encostava, esperava a ordem para subir, bebia café, falava do tempo, do roçado, das novidades da rua, fazia um cigarro de tabaco e ia para a escola. As meninas pediam “benção à minha madrinha” e ficavam ouvindo tudo, umas sentadas ao lado da mãe, outras penduradas na portinhola; as mocinhas encontravam-se com outras e iam passear pelo campo antes da aula, ou iam até a casa da Raimunda, que ficava pra lá da castanheira um pouco, ouvir música, fumar um cigarro de carteira e saber das histórias. Eu ficava na peleja tentando fazer o bebê dormir. Quando tudo se encaminhava, íamos todas para a escola que era do outro lado do campo, em frente da casa. As meninas vinham com um camburão de água da fonte para abastecer o filtro e lavar a louça da merenda. Tudo corria bem, até que lá pelas tantas, chegava a Marininha, neta da Dona Marina, me chamando:

– O bebê acordou! Eu saía correndo, pois achava que aquilo era dar trabalho para as pessoas, e que ninguém tinha a obrigação de cuidar do meu filho. Chegava lá e ele estava na rede chorando, a rede se embalando sozinha; Dona Marina, na cozinha, agia como se nada estivesse acontecendo... E assim passaram-se vários dias. Quase no final da minha estadia, numa dessas tardes em que estávamos na escola, a Dona Marina foi me chamar na escola:

– O Tetéu acordou! Não sabia o significado daquele nome, mas sabia que se tratava do meu filho. Fui para sua sala, como de costume, pegar o bebê. À noite, em sua cozinha, depois de jantar, ficávamos tomando café e fumando cigarro na companhia uma da outra, ouvindo o rádio, as histórias do seu meeiro Alemão e a risadagem do seu filho Emir. Nesta noite, perguntei sobre o nome tetéu, então descobri seu segundo gesto. Ela me contou, que todo dia, quando eu saía para a escola, assim que eu pisava o pé embaixo no terreiro, o menino acordava e - já interpretação minha do seu gesto - ela achava, com toda razão, que eu iria me atrapalhar com o trabalho na escola e os cuidados com o bebê e, por isso, ficava um grande tempo embalando o meu filho na rede. O nome tetéu veio de um passarinho - que é o mesmo quero-quero - que quase não dorme; ele fica cochilando em pé com uma perna só, e quando a perna vai caindo e toca ao chão, ele se espanta e sai voando gritando tetéu, tetéu! Fiquei com vergonha, pois achava que o Tetéu dormia o tempo todo e só acordava na hora em que eu era chamada. Dona Marina, creio eu, nunca iria dizer nada se eu não tivesse perguntado. A solidariedade e a feminilidade, presentes no seu gesto, foi a segunda lição aprendida com ela.

O terceiro gesto.

A volta que o mundo deu, a volta que o mundo dá, fomos morar na Pimenteira. A questão do momento era o Centro de Formação dos Seringueiros, experiência que se iniciou em 1995 e onde ficamos até 1997. Foram dois anos de intensa convivência com o mundo do seringal, com os alunos do Centro e com a Dona Marina. O local escolhido para a construção da nova escola, por decisão da família, ficava próxima à antiga casa, a primeira da Colocação Pimenteira. Na fase de construção da escola, muitas lembranças vieram à cabeça de Dona Marina, dos duros, mas bons tempos, quando ainda era vivo seu marido. Reativamos a fonte velha, a área do antigo roçado; tudo ali tinha uma história de um passado recente, mas que estava adormecido nas lembranças. Dona Marina virou a Vovó Marina. Teté completou o aniversário de dois anos no terreiro de sua casa, com balão, bolo, guaraná Maués, e um ataque de formigas de fogo que botou todos nós pra correr, e foi incorporado à renca de netos e afilhados que ela tinha. Vovó Marina, paciente, mas rigorosa, sabia dosar muito bem suas qualidades na relação com as crianças; seu “chocolate” – nome atribuído por ela a uma tira fina de couro que ficava guardada na travessa acima da portinhola da cozinha – assustava os meninos sem que nunca ela tivesse de fato o experimentado em algum deles.

Trabalhávamos muito dando aulas para classe de alfabetização/escolarização e, no campo, com a implantação de diferentes atividades produtivas: sistemas agroflorestais, criação de pequenos animais, culturas anuais e outros. Os alunos, todos adolescentes, viam aquele tempo-espaco mais como uma oportunidade de sociabilidade; era preciso muito esforço nosso para que eles encarassem os trabalhos do roçado, mesmo porque já faziam isso fartamente em suas casas. Dona Marina gostava muito daquela animação da escola; a Pimenteira ficava em festa, jogo de bola todas as tardes, banhos nos igarapés, mariscados, histórias, festas, reuniões e muitas, muitas visitas em sua cozinha. Também havia muitas chateações; os meninos perturbavam com pedição de água, café, cigarro, tudo; preocupações com namoros; brigas também eram frequentes, mas nada disso diminuía o prazer de ver aquela movimentação toda em sua casa. Recordava os tempos em que a Pimenteira era famosa - tinha sido e muito! -, no tempo em que seus filhos eram moços. Festa de São Pedro era tradicional, homenagem ao santo e ao seu filho mais velho. O Centro também rememorou esta festa. Em dois anos consecutivos realizamos duas grandes festas no dia 29 de junho. Inesquecíveis!

Íamos para o roçado todos os dias pela manhã. As mãos despreparadas para pegar num terçado sofriam, o corpo idem. Com o passar dos anos o treino começou a demonstrar sinais de progresso, mas mesmo assim, sempre em desvantagem com relação aos que ali nasceram e cresceram. Na boquinha da noite, caminhávamos pelo campo até à casa da Dona Marina, onde falávamos sobre o trabalho e acabávamos nos aconselhando sobre o melhor tempo para o preparo da terra, para o plantio da semente e a colheita dos frutos. Ela gostava de contar sobre o tempo em que ia para o roçado, e orgulhava-se em dizer que pegava no terçado “feito homem”. Sabia o quanto era difícil pra mim aquela tarefa, mas nunca me desanimava; pelo contrário, quando lhe contava sobre meu fraco desempenho na limpeza da terra do roçado, quando comparado com os demais ela dizia:

– Tem que ver que aquele pedacinho que você fez, ninguém vai precisar fazer mais! O reconhecimento do trabalho, o otimismo diante das adversidades, e a crença na capacidade de superação dos limites, conformam mais uma lição aprendida com Dona Marina.

Desse tempo em diante iniciou-se uma mudança muito grande no espaço-tempo da Pimenteira. A cozinha antiga, estrategicamente posicionada, - que permitia à Dona Marina ver todas as bocas-de-caminhos que davam acesso às outras colocações, enxergar do seu jirau o caminho da fonte e a casa da Raimunda, e ver do canto de seu banco, pela portinhola, a

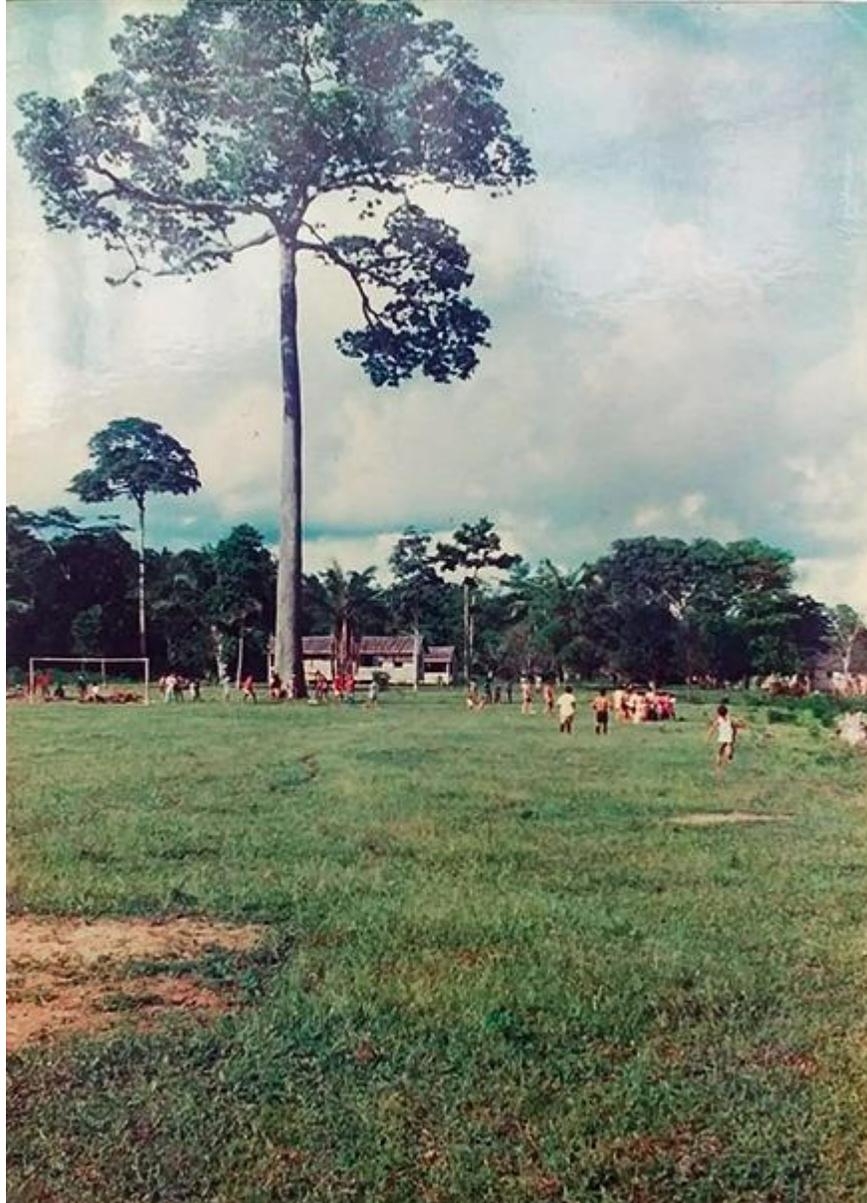
castanheira, o campo de futebol e a escola - foi inteiramente desmanchada. A nova casa construída era de altos e baixos, com salão e tudo mais. Estive na nova cozinha uma vez só. Sentamos numa mesa grande no centro do salão, de costas para o fogão e para o jirau. Percebi que, nesta casa, não se via a Dona Marina, pois o fogão e o jirau ficavam num tipo de apêndice do salão da casa, escondidos, evidenciando uma outra concepção de morada e de vida. Neste lugar, Dona Marina não durou muito tempo. Logo adoeceu e foi levada por seus filhos para a capital a fim de realizar tratamento de saúde. Lá, faleceu anos depois.

Sua força e sua saúde dependiam, ao mesmo tempo, do profundo isolamento e da alta sociabilidade que a vida na mata produz. Dona Marina varria seu terreiro a cada tempo da lua cheia. Ela dizia que na madrugada a poeira não ofendia as pessoas e a luz do luar no alto prateava as folhas iluminando o chão.

Eu sempre desconfieei que eram nessas noites de lua que Dona Marina se encantava.



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal